

ERNESTO NAZARETH

Ernesto Júlio de Nazareth nasceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 20 de março de 1863. Filho de Vasco Lourenço da Silva Nazareth, despachante aduaneiro, e Carolina Augusta da Cunha Nazareth; teve como local de nascimento a modesta casa de seus pais, situada aos flancos do Morro do Nheco (depois chamado Morro do Pinto), entre os bairros de Santo Cristo e Cidade Nova.

Ainda criança, começou a estudar piano com a mãe, que foi excelente pianista; mas depois do falecimento desta, em 1873, passou a receber lições de Eduardo Madeira, amigo da família, e, mais tarde, Lucien Lambert, afamado professor francês, aqui radicado. Com o primeiro estudou cerca de ano e meio e com o segundo teve somente oito aulas. A partir daí, seguiu sozinho, fazendo-se praticamente autodidata. Por volta dessa época, sofreu violenta concussão na cabeça, ao cair de uma árvore; dando início, assim, a série de problemas auditivos que levariam-no, com o passar dos anos, a quase completa surdez.

Quanto aos estudos propedêuticos, estes foram ministrados pelo padre Belmonte, no Colégio São Francisco de Paula, nas imediações da Praça Tiradentes.

Em 1877, com a idade de 14 anos, compôs sua primeira música, a polca-lundu *Você bem sabe*; editada, no ano seguinte, pela Casa Arthur Napoleão & Miguèz, situada à Rua do Ouvidor, nº 89. Dois anos depois, 1879, já com as características do “tango brasileiro”, gênero que posteriormente consagraria o seu nome, teve publicada a polca *Cruz, perigo!!*, rapidamente popularizada.

Aos 8 de março de 1880, doze dias antes de completar a idade de 17 anos, tomou parte de um recital em o Salão do Clube Mozart; podendo ter sido, esta, sua primeira apresentação pública, pois, até o presente momento, não se conhece outra com data mais antiga.

Composta e impressa em 1881, a polca *Não caio n'outra!!!* tornou-se, pelo número de reedições, seu primeiro grande sucesso.

Em 1885, participou de concertos em os clubes Rio Comprido, Engenho Velho, Riachuelense do Engenho Novo e São Cristóvão. No ano seguinte, ainda tocou em mais um, o Rossini, à Praça Onze.

Aos 14 de julho de 1886, à Igreja de São Francisco Xavier do Engenho Velho, casou-se com Theodora Amália Leal de Meirelles (1852/1929); que passou a assinar Theodora Amália Meirelles de Nazareth. Desta união nasceram: Eulina (1887/1971), Diniz (1888/1983), Maria de Lourdes (1892/1917) e “Ernestinho” (1896/1962). Nesse tempo, já vivia da venda de suas composições, das aulas particulares de piano e de tocar em bailes, batizados e casamentos.

Em 1889, apareceu editada sua décima-terceira polca, *Atrevidinha*, e também compôs, mas só viu publicada tempos depois (1897), a quadrilha *Chile-Brasil*.

No ano de 1893, teve impressos pela primeira vez um “tango” e uma valsa: *Brejeiro* e *Julita*, respectivamente. E, por volta de 1894, começou a trabalhar como pianista demonstrador da Casa Vieira Machado & Cia., à Rua dos Ourives (depois Rua Miguel Couto), nº 51. *Brejeiro* tornou-se o maior sucesso de Nazareth no século XIX, e a valsa *Helena*, por sua vez, primeiramente editada em 1896, foi, no gênero, no mesmo período, a mais popular.

Por iniciativa do Clube de São Cristóvão, apresentou-se, em 1898, em o Salão Nobre da Intendência da Guerra; desconhecendo-se, contudo, a data exata e o programa executado. Já no ano seguinte, 1899, saiu a primeira edição de *Turuna*, “grande tango característico”.

Em 1901, terminou *Batuque*, “tango característico”. E, dois anos depois, 1903, compôs a valsa *Coração que sente*.

No ano de 1904, conheceu o célebre pianista norte-americano Ernest Schelling. À época, inclusive, comentou-se muito, junto ao meio musical carioca, o fato de o ilustre artista estrangeiro ter retornado ao seu país levando bom número de composições do nosso artista.

Em 1905, além de ter uma composição sua pela primeira vez gravada em disco (Casa Edison-Odeon), a saber, *Brejeiro* (“O sertanejo enamorado”), com letra de Catullo e cantada por Mário Pinheiro, ainda viu a edição princeps dos “tangos” *Escovado* e *Ferramenta*; sendo que, na partitura desse último, logo abaixo do nome do autor, apareceu o mais antigo registro do epíteto “rei do tango”.

Até o Natal de 1906, pelo menos, ainda encontrava-se o compositor trabalhando em a Casa Vieira Machado & Cia., à Rua do Ouvidor, nº 147 (novo endereço).

Em 1907, aos 44 anos, conseguiu emprego de terceiro escriturário no Thezouro Nacional; entretanto, nesta atividade, única em sua vida sem qualquer relação com a música, ficou curtíssimo tempo, preferindo afastar-se antes mesmo de fazer as provas para a sua efetivação.

No ano seguinte, 1908, passou a trabalhar como pianista demonstrador da Casa Mozart, de propriedade do amigo português Lino José Barbosa, situada à Avenida Central (depois Avenida Rio Branco), nº 127. E entre agosto e novembro, convidado pelo maestro Alberto Nepomuceno, apresentou-se por duas vezes em a “Exposição Nacional”, à Praia Vermelha; evento comemorativo do centenário da “Abertura dos Portos”.

No dia 6 de junho de 1909, Nazareth tomou parte em recital realizado no Instituto Nacional de Música, à época situado à Rua Luís de Camões, no qual interpretou, de sua autoria, a gavota *Corbeille de fleurs* e o “tango característico” *Batuque*, e acompanhado, ainda, Heitor Villa-Lobos na peça *Le cygne*, de Saint-Saëns, para violoncello e piano; sendo, esta, talvez, a primeira apresentação pública de Villa-Lobos (que, na ocasião, contava com a idade de 22 anos), pois, até hoje, não se conhece outra com data anterior.

Em 1910, começou a dividir suas atividades entre a Casa Mozart e a sala de espera do antigo Cinema Odeon, à Avenida Central, nº 137, esquina com Rua Sete de Setembro. Nesse mesmo ano, compôs e editou, por conta própria, o “tango” *Odeon*, dedicado à empresa proprietária do estabelecimento.

Dois anos depois, 1912, saíram as primeiras edições do “tango” *Carioca* e da valsa *Expansiva*, sua peça mais conhecida no gênero. E ainda registrou em discos da Casa Edison-Odeon, acompanhado pelo flautista Pedro de Alcântara, seus “tangos” *Odeon* e *Favorito*, mais as polcas *Linguagem do coração*, de Callado, e *Choro e poesia*, do próprio Alcântara.

Em 1913, deixou o Odeon; continuando, porém, com seus afazeres junto à Casa Mozart. São desse ano, também, as edições do “tango característico” *Batuque*, dedicado ao maestro Henrique Oswald, e da valsa *Confidências*, dedicada ao poeta e trovador popular Catullo da Paixão Cearense.

Quanto a polca *Apanhei-te, cavaquinho!...*, publicada em 1914, alcançou retumbante sucesso; sendo da mesma época a edição de um catálogo da Casa Beethoven (Nascimento Silva & Cia.), situada à Rua do Ouvidor, nº 175, no qual constavam os títulos de 19 composições de Nazareth **gravadas em rolos de pianola**, confeccionados nos Estados Unidos da América.

Em 1917, retornou ao Cinema Odeon; agora exercendo também a função de pianista de uma pequena orquestra, na qual Villa-Lobos, acredita-se, tomava parte como violoncelista. No dia 1º de dezembro faleceu, em consequência de profunda anemia, aos 25 anos, sua filha Maria de Lourdes.

Já no ano seguinte, 1918, saiu definitivamente do Odeon; sendo oportuno lembrar que em sua segunda temporada, junto a esse estabelecimento, Nazareth conheceu Arthur Rubinstein, Darius Milhaud e Francisco Mignone.

Em 1919, começou a trabalhar como pianista demonstrador da Casa Carlos Gomes, à Rua Gonçalves Dias, nº 75, de propriedade do também pianista e compositor Eduardo Souto. E dois anos depois, 1921, Villa-Lobos dedicou a ele o *Choros nº 1*, para violão.

Quanto ao “tango” *O futurista*, terminado e primeiramente editado em 1922, o autor procurou mostrar aos “modernistas”, da época, que “mesmo que uma música apresente dissonâncias, não precisa ser, necessariamente, desprovida de alguma beleza!...” E aos 16 de dezembro, a convite de Luciano Gallet, interpretou, no Instituto Nacional de Música, à Rua do Passeio, nº 98, seus “tangos”: *Brejeiro*, *Nenê*, *Bambino* e *Turuna*.

No final de 1925, deixou a Casa Carlos Gomes; passando a dedicar-se aos preparativos de sua turnê por São Paulo.

Em abril de 1926, partiu à terra dos bandeirantes, vindo a se apresentar, inclusive, em as suas mais importantes salas: Theatro Municipal e Conservatório Dramático e Musical; tendo sido o seu recital junto ao primeiro estabelecimento precedido de uma palestra de Mário de Andrade, na qual o eminente escritor e musicólogo paulistano dissertou sobre a obra do compositor carioca. Esteve, ainda, em Campinas, Sorocaba e Tatuí. Na ocasião, entusiasmado com as atenções a ele dispensadas, verdadeiramente consagradas, tratou de ver publicados, entre outros títulos, os

“tangos” *Desengonçado, Paulicéa, como és formosa!...*, *Quebra-cabeças*; mais as valsas *Celestial, Dirce e Elegantíssima*.

Onze meses depois, portanto em março de 1927, retornou ao Rio de Janeiro; trazendo consigo os manuscritos dos “tangos” *Cruzeiro, Cubanos e Paraíso* (estilo milonga). Nesse ano, também editou o “tango” *Proeminente*, dedicado ao pianista polonês Mieczyslaw (Miécio) Horszowski.

No mês de dezembro de 1928, levando-se em conta a data da publicação de sua primeira música, Ernesto Nazareth completou cinquenta anos de atividades artísticas.

Aos cinco de maio de 1929, faleceu, de causas naturais, aos 74 anos, sua esposa Theodora Amália. E entre o final desse mesmo ano e princípio do seguinte, ainda compôs três marchas carnavalescas: *Exuberante, Crises em penca e Comigo é na madeira*.

Em maio de 1930, terminou aquela que seria a sua última composição: a valsa *Resignação*. E em setembro, aceitando convite feito por Eduardo Souto, então diretor artístico da gravadora Odeon-Parlophon, registrou em discos: *Apanhei-te, cavaquinho!, Escovado, Nenê e Turuna*; sendo comercializado somente o que continha as duas primeiras músicas.

No ano seguinte, 1931, apresentou-se em programas das rádios Sociedade do Rio de Janeiro (atual Rádio MEC) e Mayrink Veiga.

Aos 5 de janeiro de 1932, deu recital somente de músicas suas no Studio Nicolas, à Rua Alcindo Guanabara, nº 55, 2º andar. Poucos dias depois, na companhia da filha Eulina e da amiga Maria Mercedes Mendes Teixeira, partiu de navio para o Rio Grande do Sul, vindo a se apresentar em Porto Alegre, Rosário e Sant’Anna do Livramento. Nessa ocasião, levava consigo sua última composição editada, *Gaúcho*, “tango brasileiro” oferecido “Ao Nobre Povo Gaúcho”.

Encerrada a turnê, rumou para Montevidéo, capital do Uruguai, de onde embarcaria de volta ao Rio de Janeiro. Todavia, durante um passeio por aquela cidade, sofreu séria crise nervosa dentro da casa de instrumentos musicais de Julio Mousqués, à Rua Ituzaingó 1377 e 1391.

Já no Rio, após alguns exames, diagnosticou-se a sífilis. E diante da irreversibilidade do quadro neurológico apresentado, foi o maestro internado, primeiramente, na Fundação Gaffrée & Guinle, à época funcionando em um dos pavilhões do Hospício D. Pedro II, à Praia Vermelha, e, mais tarde, em janeiro de 1933, na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá; de onde fugiu em 1º de fevereiro de 1934, vindo a falecer, possivelmente no mesmo dia, afogado nas águas da represa existente em floresta situada aos fundos do referido manicômio. Seu corpo só foi encontrado no dia 4, sendo sepultado, no dia seguinte, no Cemitério de São Francisco Xavier. Contava, o compositor, com a idade de 70 anos, 10 meses e 10 dias.

Ernesto Nazareth deixou à posteridade: 90 “tangos”, 40 valsas, 28 polcas e mais hinos, sambas, marchas, quadrilhas, “schottisches”, “fox-trots”, romances, entre outros gêneros, perfazendo um total de 214 composições.

LUIZ ANTONIO DE ALMEIDA